

ALVORADA

REVISTA

DE LETRAS



Edição de 15 de Novembro

20º ANNO REPUBLICANO



ALVORADA

REVISTA DE LETRAS

ANNO I THERESINA —15— Novembro—09— PIAUHY NUM 9.

INFORMAÇÕES

A ALVORADA apparece nos dias 15 e 30 de cada mez e não publica materia paga sinão nas paginas reservadas aos annuncios.



A ALVORADA assigna-se:

Por mez, capital 1\$000
Tres mezes, fóra 3\$500
Numero avulso \$500

PAGAMENTO ADIANTADO

Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida a JONATHAS BAPTISTA, redactor-secretario—RUA Dr. ALVARO MENDES N. 59.
ENDEREÇO TELEGRAPHICO—ALVORADA

A redacção não se responsabilisa pelas idéas defendidas nesta revista pelos seus collaboradores.

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS, MEDIANTE PREVIO AJUSTE E PAGOS ADIANTADAMENTE

ALVORADA

Theresina, 31 de Janeiro de 1873

OITENTA E NOVE

Assaz problematico ha de parecer a muitas pessoas este titulo, numerico, que escolhemos para donominar o nosso periodico, pobre successor do *Amigo do Povo*, que resolvemos supprimir depois de havermos publicado o n. 89; designação esta que importa um symbolo—a representação synthetica de uma idéa capital, facil de penetrar—aos que estão iniciados nas proveitosas lições da historia.

Na verdade, *Oitenta e nove* é a data gloriosa com que no seculo passado, em o velho mundo, increvêra-se de

modo positivo, claro e brilhante—os DIREITOS DO HOMEM, até alli não reconhecidos: devidamente pelas egoisticas classes privilegiadas, que tão indignamente monopolisavão—com a corôa—todo bem estar social . . .

Oitenta e nove foi com effeito como que um grande diluvio, sob o qual submergio-se o monstruoso feudalismo, que ainda affrontava a França dos innumeraveis Luizes, qual lembravão os Pharaòs do antigo Egypto,—isto em pleno seculo de Voltaire, de Rousseau e de Mably; ao passo que na sua caudal correntevia-se descer, a mercê das ondas o recente berço da Liberdade, recordando o de Moysés a fluctuar sobre as aguas do Nilo . . .

Oitenta e nove é ainda a data fulgurante da 1.^a conquista plebiscitaria,

incontestavelmente obtida pela democracia numa das mais bellas porções des-
passagem de um planeta por um certo
te vastissimo continente do novo mun-
ponto da esphera celeste,—produzindo
do; queremos fallar de um magno de-
tal phenomeno por elle previsto com
creto emanado directamente do povo,
admiravel exacção mathematica!

ha uns 83 annos, estreado-se então a
Trabalhemos com a mesma boa
urna eleitoral, mui honrosamente, nas
vontade com que a abelha manipula o
suas hincções de arauto collectivo.—
pollen das flores, quando trata de fa-
—segundo o qual Jorge Washington foi
bricar o seu mel; com a mesma constan-
elevado à dignidade temporaria de che-
cia com que a aranha estende, noite e
fe dos estados confederados da União
dia, as suas téas, fragilissimas, embora
americana, que hoje se ostenta ao mun-
com a mesma firmeza, em fim, com que
do civilisado como a mais admiravel
a formiga remove os innumeraveis grãos
colmêa de cidadãos, e por certo uma
de arêa que lhe obstruem a porta de
das mais poderosas nações da terra!

Finalmente, *Oitenta e nove* recórda
sua morada subterranea, quando trans-
tornada esta por um eventualidade qual-
quer...

Sem descremos, pois, das nobres
aspirações da humanidade, tratemos de
descoberto por Pinzón e por Cabral; aspirações da humanidade, tratemos de
tentativa que infelizmente abortou, máu avançar com ella—em busca do ideal
grado os bellos esforços dos patriotas da perfectibilidade; embora esta pareça
mineiros, que acabarão por ser outros fugir-nos a semelhança de uma miragem
tantos martyres da liberdade,—outras à medida que nos adiantamos na senda
tantas victimas immoladas ante o altar do futuro: pouco importa que nos cha-
druidico, em forma de throno, onde se mem *utopistas*, uma vez que esse nome
achava exposta à veneração *dos fiéis* a tem sido o de *baptismo*—applicado pe-
mentecapta Maria, digna bisavó do los homens de vistas curtas e recebido
actual imperador do Brasil, a quem por todos os grandes trabalhadores do
Deus guarde—quando muito até 1889.. genero humano. *Utopista* è ainda hoje
CENTENARIO tres vezes venerado e assaz considerado, por muita gente o Divino
significativo para todos os republicanos Mestre; por haver prègado a caridade,
convictos que estejam de animo delibera- —isto é—a união, a egualidade e a fra-
do a persistir em semear a brilhante ternidade entre os homens!

Utopistas forão tambem:

- I. Guttenberg, o inventor da im-
prensa.
- II. Colombo, o descobridor do no-
vo mundo.
- III. Copernico, o autor de um novo
systema astronomico.
- IV. Gallileu, o apostolo da rotação
da terra.
- V. Newton, o descobridor das leis
de gravitação; o dissector da luz.
- VI. Bartholomeu de Gusmão, o in-
ventor do balão aerostatico.
- VII Arkwright, o fabricante da pri-
meira machina de fiar algodão.
- VIII. Watt, o autor do condensador.
- IX. Benjamin Fraklin, o inventor do
para-raios.

de coral...

E' certo que o trabalho vence tu-
do, e o trabalho intelligente e aturado
é sem contestação alguma a mais bella
encarnação da fé; com a qual mudão-
se até os montes, segundo disse Jesus
CHRISTO e nós vimos já realiado neste
seculo, a respeito dos Alpes Contiennes,
depois da perfuração do *Tabor* ou do
monte Cenis!...

Devemos calcular os nossos passos
e medir as nossas vistas, com a mesma
calma imperturbavel com que o astrono-
para-raios.

X. Cugnot, a quem se deve a idea da locomotiva a vapor realisada por Stephenson.

X^a. Lesage, o pai da telegraphia electrica, creada por Wheatstone e por Morse.

XII. Fulton, o creador da nevegacão a vapor.

XIII. Daguerre, o pai da photographia.

Forão egualmente *utopistas*, si bem que de ordem secundaria ou sómente para uma pequena porção da humanidade:

1.º O conselheiro Saraiva, o fundador de uma nova capital para esta provincia, quando alguns não acreditavão que de uma chapada deserta do Piahy pode se surgir uma pequena cidade!...

2.º O conselheiro Junqueira, a quem devemos a navegação a vapor no nosso Parnahiba, rio de leito sumamente arenoso e de canaes mui variaveis . . .

A vista de tudo isso, pois, um dia ainda virà, assim o cremos, em q' a palavra *utopia* se tornará um termo obsoleto nos dictionarios das noções cultas; seja isso, embora, na IDADE FABULOSA em que aos *hoteis* houverem substituido os laboratorios de CHYLO CHIMICO, depositando-se então um jantar completo n'uma especie de carteira homœopathica; nesse tempo em que chamar-se-ha *barbaros* talvez a quem quer que seja, que se ache exposto a morrer de indigestão, como o mais infatigavel amator de papos de perús!...

—Em quanto, porem, não avançamos tanto, a ponto de chegar a uma idade *quasi angelica*, seja-nos permitido ter a fé robusta de ver a REPUBLICA FEDERATIVA estabelecida no Brasil; pelo menos d'aqui a 17 annos, ou em 1889,—tempo assaz sufficiente, segundo pensamos, para a educação livre de uma nova geração, para a qual ousamos appellar—cheios da maior confiança.

Contamos no entretanto, desde já, com a coadjuvação sincera de todos os apóstolos da mesma idéa que nos anima;

bem como com os concursos poderosos dos mais dignos preceptores da mocidade.

Tomamos por patronos de nossa causa patriótica:

1.º—MIRABEAU, o eloquente orador que appareceu em França por occasião da revolução de 1789.

2.º—Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o TIRADENTES—o grande martyr da nossa infeliz tentativa de liberdade em 1789.

—JORGE WASHINGTON, o primeiro presidente dos Estados-Unidos; o primeiro magistrado livre d'uma republica em terras da America, eleito no referido anno de 1789...

Sim, sejam estes os santos patronos da nossa causa.

Que elles nos inspirem os mais bellos argumentos, para bem podermos persuadir aos que ainda estão em erro; a maior abnegação, para morremos mesmo, se necessario for, defendendo as nossas idéas; finalmente o ensino do melhor systema pratico a adoptarmos, na direcção dos publicos negocios, quando directamento confiados ao proprio povo conscio da sua dignidade e dos seus direitos.

—Sentimos que em nosso craneo ferve, como n'um cadinho, a idéa de liberdade: que ella, depois de fundida, se consolide brilhantemente em nosso coração—como n'um vasto molde,—para d'ahi sahir semelhante a uma fulgente estatua, perfeita e colossal, que em todo tempo atteste a grandeza moral deste paiz em que nascemos; o que bem poderá exhibir ao mundo uma serie de construcções *cyclopeanas* em suas instiuições, forjadas de novo pelos obreiros da democracia.

A nossa officina è a imprensa; nella pois vamos resolutamente começar, outra vez, a grande obra, talvez tentada em vão até este momento.

Não queremos e nem devemos deixar que se cubra de ciuzas a fornalha ardente!

Para alimental-a, se preciso for, con-

verteremos em combustível o nosso pão
—e o... dos proprios filhos ainda ten-
ros.

A patria exige actualmente os mais
penosos sacrificios.

Que fique somente aos ogoistas
a gloria de se tornarem nedios a mais
não peder.

—Mãos à obra, com a coragem do
dever que se acrysolá.



WILLIAM SHAKSPEARE

LIGEIOS TRAÇOS

(Conclusão. Vide n.º 8 da Alvorada)

*
*
*

Condemnado à reprehensão publica por ter invadido o parque de Folbrook, dominio do cavalheiro Thomaz Lucy, Shakspeare affixou na porta do parque uma ballada injuriosa, cheia de remos grosseiros contra o dito cavalheiro, cioso dos seus gamos e de sua mulher. Duplamente offendido, o fidalgo perseguuiu de novo o caçador satyrico, obrigando-o a sahir de Straford e refugiar-se em Londres, sem recursos e sem amigos. Ou por sua vocação nativa, ou por encontrar na grande capital alguns conterraneos feitos comediantes, o recém-chegado procurou de preferencia o theatro, segurando primeiro os cavallos dos curiosos, insinuando-se depois nos bastidores e tornando-se afinal actor, emperezario e autor. Muitos outros, depois d'elle, têm seguido o mesmo destino na arte do palco.

Entre a ballada contra Thomaz Lucy e Romeu e Julietta, a sua primeira grande tragedia, medeiam dez annos, quasi todos passados em Londres, no convívio dos artistas mais notaveis do seu tempo. E' nesse intervallo—diz Villemain—que se deve procurar a educação do poeta, o surto, a cultura e os ensaios do seu genio. Cada anno produzia uma ou duas peças de theatro até 1614, aos 50 annos de idade, quando regressou definitivamente á sua aldeia natal, onde já anteriormente havia comprado uma grande casa, que reedificou, dando-lhe o nome de New-Place, e em cujo pomar plantou uma celebre amoreira. Suppõe-se que, sentindo-se envelhecer e já tendo feito uma fortuna regular, procurou o aconchego da familia para repousar das fadigas da vida tumultuosa do palco. Foi de pouca duração o seu repouso em vida; pois que falleceu em 23 de abril de 1616, dia do seu anniversario natalicio. No mesmo dia e no mesmo anno, falleceu tambem, em extrema pobreza, o immortal Cervantes, autor do D. Quixote de la Mancha.

Já vimos que os seus emulos prestaram-lhe homenagem durante a sua vida e logo depois da sua morte. Sepultado em uma igreja de Stratford, teve logo o divino tragico uma estatua, assentada em um nicho como um santo. Castreil, ministro protestante, comprou a casa de New-Place. Mas o ecclesiastico era um typo rombo; pois importunado com a peregrinação dos devotos à memoria do prodigioso morto, abateu a amoreira, e depois arrazou a casa, cujos materiaes vendeu, o monstro! Milton, que nasceu oito annos antes da morte do autor de Macbeth, e que lhe succedeu na gloria literaria conquistada com a epopea do Paraizo Perdido; Milton, que viveu num seculo de puritanismo fanatico, especialmente durante o reino de Carlos II, em que o theatro soffreu graves restricções, não se dedignou de reconhecer o excelso valor da obra do tragico immortal, a quem tece os mais desassombrados elogios. E assim o nome de Shakspeare continuou sempre idolatrado até hoje.

Mas a critica demolidora do seculo XIX, que não admite mais sanctuarios inviolaveis nem celebridades universaes, insurge-se não só contra os autores vivos que luctam pela gloria, mas tambem contra os immortaes que já conquistaram a veneração dos séculos. Si, como é costume repetir, a critica nunca matou o que deve viver e o elogio nunca fez viver o que deve morrer, não é menos certo que o livre exame com a publicidade ampla dos tempos modernos difficulta enormemente a consolidação das reputações novas e arremete furiosamente contra os idolos do passado. Shakspeare tem sido um dos preferidos para as controversias mais inexgotaveis. Ainda ha pouco, Leon Tolstoi contestou-lhe o merecimento literario, não achando nas suas obras sinão disparates e semsaborias. Não admira, pois, que lhe tenham negado a paternidade das suas obras. O que admira é que o mesmo já

se deu com o maior tribuno da revolução franceza. Mirabeau, o Demosthenes francez. Estranharam que esse demagogo formidavel pudesse reunir e expôr, no turbilhão das paixões revolucionarias, tamanha somma de conhecimentos sobre os mais variados assumptos, e deram-lhe como collaborador o sabio e poeta, allemão Wolfgang Goethe, autor do Fausto. Mas, ainda mesmo que se pudesse provar essa collaboração, em nada ella diminuiria o prestigio de Mirabeau, que soube representar o seu papel com superioridade inatingivel. Il est permis—dizia Moliere—de reprendre mon bien où je le trouve.

A razão capital para recusar ao poeta inglez a autoria das obras geniaes que correm mundo com o seu nome é que elle era de origem obscura, o pobre filho de um carnicheiro do interior, sem preparo academico e sem relações nas altas rodas. O genio tem dessas surpresas: muitas vezes dispensa os diplomas officiaes e ostenta-se nas rodas inferiores. Já indicámos alguns exemplos da historia universal. Mas para que ir tão longe? Mesmo no Brasil, encontramos innumerous casos. Basta indicar dois muito recentes e muito illustrativos: Arthur Azevedo e Machado de Assis. O primeiro sahio do Maranhão, quando a Athenas brasileira entrava em plena decadencia. Levou para o Rio menos grego e latim do que Shakspeare para Londres. Nenhuma bagagem literaria. Nunca frequentou academia alguma. Na grande capital brasileira, só, sem amigos e sem dinheiro, deve ter soffrido horriveis provações. No entanto, após alguns annos conseguiu dominar o theatro, ser o maior dramaturgo do seu paiz e frequentar a alta sociedade. O seu nome já transpoz as fronteiras nacionaes.

Machado de Assis era filho de um pobre operario. Fez-se typographo para ganhar a vida. Diz um seu biographo: «Os seus estudos foram muito irregulares, como póde prever-se. Quando abandonou a escola de primeiras letras, sabendo apenas ler e escrever, renegou dos mestres, e sentindo-se forte, senhor do preciosissimo instrumento da leitura, começa, com uma inquebrantavel vontade e uma colossal sêde

de saber, essa que não foi das suas menos bellas obras: a sua auto educação». Perto dos 50 annos aprendeu allemão, que, de certo, vale mais alguma coisa na actualidade do que o latim e o grego na renascença. Pois este humilde artista, destituído de todos os favores da fortuna, só com o seu genio, chegou a ser o Mestre das letras patrias, o presidente da Academia Brasileira de Letras, o escriptor vernaculo modelo, hobreando com os fidalgos de alto cothurno, apesar da sua excessiva e proverbial modestia.

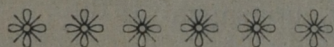
*
**

No resumo que li da conferencia feita pela douta e gentil Bianca Pappacena sobre «Desdemona rehabilitada,» ha esta phrase que me impõe um pequeno reparo: «Ninguem como Shakspeare tratou bem a mulher—como filha, como mãe, como esposa e como amante». Na obra de Shakspeare ha typos variadissimos de mulher, desde a innocencia mais pura, como Desdemona, Cordelia e Miranda, até a perversidade mais requintada como lady Macbeth, Gonerill e Régane. Porem, supponho que não se encontra o typo de mãe, aliás o mais bello e mais sublime apanagio do sexo feminino. Trata-se, portanto, de um engano ou do reporter que resumiu a conferencia, ou da propria conferencista, ou do obscuro escriptor destes «ligeiros traços.» Felizmente, o engano em breve será desfeito; porque o divino Bilac já deve ter feito a sua promettida conferencia sobre «As mulheres de Shakspeare.»

*
**

Terminando, peço desculpas a «Alvorada» e aos leitores competentes da ousadia a que me aventurei, emittindo algumas idéas sobre o maior tragico dos tempos modernos, com quem a Inglaterra, soberana dos mares, se apresenta, na republica das letras, competindo com as maiores potencias intellectuaes do mundo.

H. C.



Carta

a uma noiva

Acertado andaria o philosopho que dissesse ser o homem um animal que ama, definindo desta fórma toda a amplitude da sua psychologia privilegiada.

Dominando a escala zoologica, por

sêr um producto relativamente perfeito da natureza, distinguindo-se por seus attributos anatomo-physiologicos, por seus elementos staticos e dynamicos, é evidente que os problemas promanados do seu sêr moral são complexos e irreductiveis quanto maior a cultura da sua intelligencia.

Levados por semelhantes ponderações, pensadores dizem que o mundo mo

CANTO DOS ELEITOS

A Baurelio Mangabeira.

Visando a summa perfeição,
Em prôl da luz e em prôl do amor,
Abramos sempre o coração
Ao nosso idéal que brota em flor...

E, entre a alegria soberana
Que o sonho traz, doce alegria,
Ergamos toda a raça humana
Ao céu azul daphantasia.

No altar da crença e da ilusão,
Que resplandece, iluminado,
Unido a nós, em devoção,
Curve-se o mundo resignado.

Si a horda vil dos malfeteiros
Um dia, enfim, nos atacar,
Sejamos fortes luctadores
Na defensiva desse altar...

Nossa bandeira victoriosa
Tremúle, em meio a lucta accesa,
Dentro da grande Fortaleza
De nossa fé maravilhosa!

O canto, o hymno, a myrrha, o incenso,
Profusamente, em mil louvores,
Elevem sempre o idéal immenso,
O nosso idéal de sonhadores...

E a imagem santa, de pureza,
De nossa eterna adoração
— Seja a Arte, a irmã da Natureza,
Perfeitamente em floração....

ZITO BAPTISTA.



INSTANTANEO

Pelo passeio, si tu vais andando,
Sob os teus leves passos,

O coração da terra palpitando
Tem fremitos de abraços.

Mas eu que te amo, ó lyrio resplendente,
Eu tenho mil receios...

Por isso te supplico, humildemente,
Em tremulos anceios:

Anda mais devagar. Espera. Acalma.
Attende, por quem és!

Fica esmagado um pouco de minha alma
Onde pisam teus pés.

Célcio Pinheiro.

ral é a resultante do mundo intellectivo,
como uma consequencia immediata, uma
intima relação de causa e effeito.

Suppõe-se logo que dum cerebro
superior bafejado pelo influxo de uma
sadia moral resultará necessariamente a
idealização dum amôr intangivel, revel-
lado ao mundo exterior pelas creações
originaes dos grandes artistas, consagra-
dos no baptismo apocalyptico da genia-
lidade. Si nos mais brutos animaes elle
é o instincto genesico irrompendo natu-
ralmente, no homem transforma-se divi-
nisa-se tomando uma feição caracteristi-
ca jamais confrontada em todo *cosmos*,
espiritualisando-se, afastando-se desta for-
ma, da feracidade primitiva que approxi-
mava os sexos dos troglodytas na escura
sombra das suas cavernas pinturescas.

Elle apparece como um culto feti-
chista, feito de adorações e de crenças,
de abnegações e de generosidade, de to-
das as vibrações particulares da materia,
desde o clarão mysthico das estrellas até
o coruscar do diamante, suggerindo-nos
a visão singular de um pequenino mun-
do incendiado no fôgo do seu proprio
brilho.

Os verdadeiros amantes têm adean-
te de si constantemente a magica pers-
pectiva dos horizontes visuaes, porque o
amôr insondavel e infinito como a gran-
deza do universo, que é muitas vezes pe-
queno para contel-o todo, é uma illusão
de óptica do espirito desvairado pelo im-
perio empolgante duma paixão immensa.
Feita de rumôres e de susurrantes preces
virginaes, ternas evocações, de juramen-

tos e protestos sinceros de affeições partilhadas mutuamente pelas delicias dum beijo embalsamado encerrando a essencia capitosa das consciencias ardentes e anhelantes, combinando-se e confundindo-se na mais completa homogeneidade de principios, cathecismo vivo de fé para os que commungam no mesmo altar imperecível e absoluto.

Mysterioso mundo de sentimentos, oceano revolto de grandes desejos insaciados.

Feito de nuvens e de miragens azuladas, como esta gaze celeste e transparente suspensa por mãos puras de anjos nas alturas inatingiveis; erguendo-se num céo aberto de illusões, banhadas pela coloração fulgente das auroras boreaes, calcinando os frios gêlos polares com a verberação meridiana do calor tropical.

O amôr derrama-se subtilmente nas nossas almas até então tranquilladas espalhando-se como o ether nas regiões do espaço em suas varias cathegorias, desde os atomos sideraes de Democrito até os que constituem a pedra preciosa scintillando rubra e engastada nos diademas das Cleopathras dominadoras.

Elle metamorphoseia o homem, re-

duzindo-se a um caso pathologico especial, fazendo-o criminoso, suicida, succumbido no conflicto de motivos em que se debate a razão desvairada e impótente.

A vós a quem escrevo estas linhas, a vós que pelos vossos encantos rendestes captivo alguém ajoelhado aos vossos pés, a vós que comprehendes a vida pelo amôr, exprimem, muita cousa as seguintes palavras: amai e sêde sempre bemditae bemaventurada, amai com todo vosso orgulho de mulher com toda vossa intelligencia illuminada, com todos os predicados nobres que possuis em profusão, porque na retribuição que gosardes de tudo isso, haveis de encontrar no symbolo victorioso do vosso desejo supremo um coração florindo como uma seara divina de felicidades.

Imaginai, pois, o vosso proximo consorcio, desfecho desse edylio em que andais hoje embevecida, como um paiz encantado de fada, no qual se estende uma ponte de esmeraldas maravilhosas, a semelhança de um arco de côres cambiantes, ligando as margens mythologicas do rumoroso rio da vida.

A. Simões Barbosa.

Recife,—15—10—909.



TEU CORPO

A Gelse Pinheiro.

Teu corpo lembra a rigidez marmorea da branca Venus, cuja alvura encanta . . .
Lembra o corpo gentil que a antiga historia da soberba Phyrnéa, narra e canta.

Carne em que brilha a eterna pompa e a gloria de uma febre de goso em furia, quanta vez tem certo fremido na illozoria paixão de um dia que outro já supplanta!

Corpo que tem alvoras de alvoradas, aromas de jasmims, de desfolhadas rosas, palpitações de fogo e luz!

Corpo, mysterio eterno! quem me dera ser Jesus, para quando a primavera viesse servir-me de nefaria cruz!

J. Campos, filho.

A SÓS

Olha estas aguas que deslisam mansas . . .
Que verde o destas arvores florindo!
Parece o verde destas esperanças
Que em nossos corações brotam sorrindo.

Como as almas das flores, em alianças,
Das flores virginaes que estão dormindo,
Quantas almas de candidas creanças
Ha nas estrellas que já vêm surgindo!

Tu és um quadro desta Natureza!
Em ti minha alma ao ver tanta belleza
De ti somente se tornou captiva . . .

A flor sem sol fenece, morre a planta . . .
Oh! dá que eu sinta eternamente, Santa,
O sol do teu amor! Faze que eu viva!

Antonio Chaves.

Calçados

E

CHAPEOS

liquida-se por preços
verdadeiramente baratos
em casa de

H. Parentes & Filho



E' surprehen-
dente o sorti-
mento de ob-
jectos de luxo
que acaba de
chegar para a

LOJA ESPERANÇA

DE

FONSECA & MARTINS

PREPARADO POR

Oscar Castello Branco

PHARMACEUTICO

Prodigioso remedio contra COQUELUCHE, BROCHITE, ASTHMA, GRIPPE, PNEUMONIA e todas as affecções das vias respiratorias.

As creanças mais rebeldes tomam-no com facilidade, por causa do seu cheiro e sabor agradaveis.

DOSE :

Para creanças de 1 a 4 annos—1 colher das de chá de 2 em 2 horas.

Para as de 6 a 12 annos—1 dita das de sopa de 3 em 3 horas.

DEPOSITO GERAL

PHARMACIA NOVA

RUA PAYSANDU 46



THERESINA

OLIVEIRA PEARCE & COMP.

AGENTES DAS COMPANHIAS DE CERVEJAS

ANTARCTICA, de S. Paulo e BRAHMA, do

RIO DE JANEIRO

THERESINA



PIAUHY

Edmundo Genuino & Irmão

Artigos para homens, senhoras e creanças

GRANDE SORTIMENTO DE CHAPÊOS E CALÇADOS

Bilhetes de amor

1

Bemdicto, Maria, mil vezes bemdicto seja o dia de hontem, dia immortal e feliz, que ha de viver eternamente em minha lembrança, fazendo triumphar as alegrias de minha alma!

Ha muito, como a minha propria sombra, vivia a tua imagem no meu pensamento, acompanhando-o, seguindo-o aonde quer que elle fosse, assim, muito meiga e muito candida, num extase mysterioso e tranquillo de virgem sonhadora: assim, com essabelleza transparente, radiante e perfeita, que te banha as faces divinas, alvejantes de ternura e de bondade, consubstanciadas com a innocencia dos ceus; assim, com esses olhos negros de princeza, olhos que maravilhosamente enchem de brilhos a tua formosura adoravel e olympica, susceptivel de gerar no coração mais forte um amor celeste, cheio desse idealismo abençoado que è a vida das almas predestinadas, amor, banhado dessa torrente translucida de luz que vem do teu sorriso.

Bemdicto, milvezes bemdicto seja o dia de hontem!

*
**

Em tudo os meus olhos te via m, Maria Viam-te, á noite, na claridade branda e consoladora das estrellas, sempre bellas na sua distancia sublime; viam-te na pureza suavissima das flores, na transparencia encantadora da lua, na lactescencia mystica do luar, na alma somnambula dos espaços; viam-te na luz creadora do sol, em tudo que é bello, em tudo que é divino.

A tua voz tão delicada e tão doce não me fugia dos ouvidos... Eu a escutava sempre, no canto mellifluo das aves, no perpassar descuidoso da brisa, no murmuro quèrulo das aguas, no suspirar das fontes, no suspirar das arvores, no queixume continuo das florestas, em tudo, no proprio arrepio do silencio.

Hoje, que já nos approximamos, hoje, que já nos comprehendemos, confesso-te que sou feliz, immensamente feliz, desde o momento em que te ouvi de perto, em que pude contemplar de perto a tua belleza suggestiva, que, de subito, prendeu-me, encantou-me tanto a ponto de me fazer o teu maior escravo, mal abriste a bocca para falar-me.

Bemdicto, pois, mil vezes bemdicto o dia de hontem, Maria!

11—09.

A.

ALFAITARIA CARVALHO

E

Barbearia 15 de Novembro

Agencia de revistas nacionaes

PROPRIETARIO Arthur Carvalho

PIAUHY--THERESINA

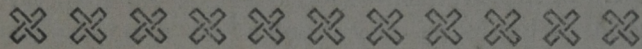
A NOSSA CAPA

«Alvorada», no intuito de bem servir aos seus queridos leitores e em commemoração á gloriosa data que hoje passa, apparece envolvida em capa especial, onde se vê, nitidamente impressa, a nossa formosa bandeira,

«Querido symbolo da terra,
Da amada terra do Brasil.»

Trabalho perfeito e executado com o mais fino gosto artistico é mais uma prova de que

a Theresina de hoje ja não é a de ha cinco annos atraz, onde a mais simples impressão era completamente impossivel, não só pela falta absoluta de officiaes, mais ou menos regulares, como tambem pela falta de artistas que bem soubessem comprehender o seu papel e estimassem a sua profissão. E', pois, muito justo que, aproveitando tão importante occasião, mandemos parabens ao nosso amigo Rochoel Cavalcanti, habil director tecnico da typographia Paz e ao B. Freitas, o nosso querido Baurelio Mangabeira, os dois que tabalharam de collaboração, no preparo da capa da nossa edição de hoje.



CHRONICA

chronista tem o dever (e eu bem o comprehendo) de lembrar sempre, de comunicar aos seus leitores o enthusiasmo que lhe vai n'alma, todas as vezes que se festeja uma das grandes datas da Patria, todas as vezes que se commemora um dos grandes feitos dos nossos antepassados. Hoje, porém, parece que esta tarefa, esta missão, já se acha perfeitamente cumprida, visto como «Alvorada», envôlta em a nossa bandeira, transcreve em as suas primeiras paginas, como o maior preito de honra que poderia render aos piauihyenses, o extraordinario artigo, em que David M. Caldas, um dos maiores e mais destimidos republicanos brasileiros, prophetizou a queda do nosso antigo regimen governamental.

Eu não precisava e nem preciso mesmo de me estender mais sobre o assumpto. «Quinze de novembro» é uma das mais fulgurantes paginas da nossa historia, tão sabi-

da e tão conhecida pelos que têm á Patria o verdadeiro amor de que é ella digna. Felizmente, para nós, já se vai longe o tempo em que o notavel jornalista da minha terra, de quem com orgulho falo nesta occasião, era o alvo das mofas e dos risos baratos, porque tinha e teve sempre a «loucura» de antever e determinar o tempo, com a mais perfeita exactidão, em que se deveria realizar o mais ardente sonho, a mais querida aspiração do povo brasileiro. Fez-se a republica, ruio por terra o carrancismo monarchico, e elle, o sabio propheta, que foi outr'ora a victima dos motejos dos nullos e dos pessimistas inconscientes, é hoje, e com justa razão, cognominado o propheta da republica, o incansavel batalhador do—Liberdade. Igualdade e Fraternidade...

E, agora, só me resta, a mim, o dever sagrado de enviar, aos queridos leitores, os meus parabens, os meus saudaes, pela data festiva que hoje passa.

J. B.

Teu leque

(Ao Celso, que me forneceu o assumpto desta phantasia...)

Encontrei-o, hontem, por um acaso, atirado sobre uma velha mesa, de sala, entre umas tristes flores amarellecidas e umas antigas molduras de paysagens, sombrias e empoeiradas...

Non sei si adivinhei, logo, que já o tinha visto, um dia, entre as tuas

mãos alvissimas, de seda... Não sei. A verdade é que, instinctivamente, mal os meus olhos o avistaram, tomei-o, entre os meus dedos nervosos, e abri-o.

Sim, era o teu leque—leque bemdito, que eu tantas vezes vira, espalmado, occultando discretamente os teus sorrisos amoraveis e doces, lindos sorrisos, a cujos encantos tantas vezes a minha alma se tem deixado fascinar, vencida, inteiramente vencida.

Sim, era o teu leque... Lá esta-

va, dominando-o, o teu nome por inteiro, bello e luminoso, estendido, fidalgamente, por todo o comprimento de uma vareta, sobre o leve cor de rosa de setim finissimo.

E eu... eu não me pude conter; atirei sobre o teu leque uma chuva de beijos, beijos quentes e longos, mixtos de amor e ciúme! Beije-o muito, muito, embriagado pelo perfume de tua deliciosa mocidade, que delle se evolava, vivo e eterno, como se ali estivesse com toda a tua formosura dominadora de rainha.

Ah! o teu leque... Nem eu sei explicar como pude encontral-o, ali, entre aquellas velhas flores amarellecidas e aquelles quadros sombrios e empoeirados. O que sei é que, ao avistal-o, todo o meu grande desejo foi trazel-o comigo, aconchegado ao peito, muito perto do coração, feliz por possuil-o.

Ah! o teu leque... Eu aperta-o ainda mais entre os meus dedos nervosos, como um allucinado, cego de amor, enlevado, commovido...

No meio do meu delirio, porém, senti passos no corredor visinho. Alguem se approximava. Eu, assustado, instinctivamente ainda, atirei ao mesmo lugar de onde o retirara, momentos antes, o meu precioso achado.

A sala encheu-se de moças, de lindos olhos brilhantes e de risadas argentinas, francas, joviaes.

Oh! Um supplicio! O *meu* leque perigava. Ia perdê-lo, de certo. A pessoa que o havia trazido ali, era, sem duvida, uma daquellas moças de lindos olhos brilhantes...

Eu tive impetos de tiral-o, ostensivamente, dentre as flores e molduras de paysagens antigas, e sahir levando o meu bello thesoiro, bello e amado, quente ainda dos meus beijos palpitantes. Mas, não! Seria melhor tiral-o ás escondidas, de manso, sorrateiramente. Roubal-o, sim, pensava eu, roubal-o seria melhor.

Nessa occasião, um amigo imperitinentemente reclamou a minha presença no salão proximo. Desculpei-me.

—Um negocio urgente,—insistiu o meu amigo. E lá fui eu arrastado, pensando em perder o *meu* adorado leque...

De facto, quando voltei á sala, no mesmo instante quasi, já a encontrei vazia.

Era a occasião. Corri á mesa dos quadros e das flores amarellecidas. Agora, sim, ia leval-o comigo, para sempre, cheio do perfume delicioso da tua mocidade e dos meus beijos de amor...

Mas—bem me dizia o coração—o teu leque, o nosso leque, tinha desapparecido!

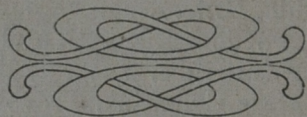
Fiquei furioso. Tive impetos de quebrar aquelles velhos quadros empoeirados e esmagar, uma a uma, todas aquellas velhas e detestaveis flores amarellecidas...

Ah! O *meu* rico leque! Perdido, para sempre!

Antes não o tivesse encontrado, nunca, sobre aquella velha mesa de sala sombria e empoeirada!

Antes não o tivesse encontrado...

S. B.



NA ESTRADA...

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono.

(CAMÕES).

Dá-me o braço, senhora, e vamos indo
Pelo ramo floral das primaveras;
Aonde nós chegarmos, entras rindo,
Nos palacios em festa ou nas taperas...

Quando a tarde chegar e for cahindo
Nos meus cabellos o branco das eras,
Enxuga-me o suor, num pranto injindo,
Emquanto eu chore as ultimas chimeras.

Na velhice, eu e tú, cansados, juntos,
Vamos resando ás almas dos defuntos,
Beijando allares e beijando santos!...

Quando eu cahir, vencido, anjo celeste!
Viva minha alma á sombra do cypreste,
Orvalhada das gotas dos teos prantos.

BAURELIO MANGABEIRA.

PASTA MYRTES

Excellent desinfectante para a bocca; limpa os dentes, conservando o esmalte; refresca as gengivas e aromatiza o halito.

PREPARADO POR

José R. da Fonseca

Deposito:—PHARMACIA NOVA

RUA PAYSANDU 93

THERESINA

POSTAES—bellissimo sortimento do mais aprimorado gosto e
ALBUNS—para os mesmos,
encontra-se na LOJA MAFRENSE
De H. PARENTES & FILHO

CASEMIRAS pretas e de cores SMART vende-se na

LOJA MAFRENSE

DE

H. PARENTES FILHO

EDMUNDO GENUINO & IRMÃO

Variado sortimento de artigos de fantasia para presentes.

OLIVEIRA, PEARCE & COMP.

têm em deposito grande sortimento de casimiras pretas e de côres dos mais lindos gostos.

FOLHINHAS com lindos chromos para 1910 na LOJA MAFRENSE de
H. PARENTES & FILHO

Mattar, Irmão Comp.

Completo sortimento de extractos Aglaia, Sinhá, Ideal, Jeannette, Royal Cachet, Senhorita, Guerlain, Errence Heliotropes, Parfum Rochane do J. Davier, Delicioso, Ausair, Violeta, Idalie, Peaur Espanha, Koyno Dhanez, Chuva de ouro, Oleo quinquina Kelesurfin, Gallet e Hule, Brilientine, Faro de Portugal, Pó dentrificio, Dentol Puder, Past dentrifico, Pasta de liro' Pòs de arroz Eglantina, Trevol, Sinha, Aglaya. Pó Boero Formol.

TUDO BARATISSIMO NA

Casa Oriental

RUA Dr. ALVARO MENDES N 15

THERESINA

Calloina Castello

PREPARADA POR

Oscar C. Branco

PHARMACEUTICO

Esta excellente composição applicada sobre os callos duros, tres vezes por dia, com o pincel que acompanha o vidro, amollece-os e fal-os cahir. Depois do terceiro dia de uso, collocam-se os callos num pouco d'agua morna, não calçando botinas ou sapatos enquanto não se fizer a extracção.

E' absolutamente indolor e não produz hemorragia.

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA NOVA
RUA PAYSANDU, 64

Preço 2\$000
THERESINA—PIAUHY

Dr. HYGIXO CUNHA

Advogado

Rua C^{el} Lysandro Nogueira 73

Oliveira, Pearce & c.

Bacharel

THEMISTOCLES AVELLINO

ADVOGADO

Rua Cel. Lysandro Nogueira 41

Compram todos os generos de exportação pelos melhores preços do mercado. THERESINA, PIAUHY—PRAÇA SARAIVA

Zaira!

Nome cujas cinco letras symbolisam as cinco cordas de uma lyra divina. Nome que evoca sonoridades de Madrugadas langorosas acordando para a Alleluia immortal dos ninhos e murmúrios de rosas e lyrios descerrando as petalas setineas.

** Zaira! Nome que canta alvigeiro nas trompas gloriosas das Manhans e soluça, sentimental, nos bandolins saudosos dos Occasos. Nome que como se dilue em diaphaneidades claras de Primaveras de Pompas e Opulencias.

Zaira! Nome bordado com filetes de Azul e Sol na seda branca e pulchra de Canções harmoniosas. Nome escripto por Deus, com tintas do Arco-irís, nas paginas fulgurantes do Album do Infinito.

Zaira! Nome cujas letras como floretes luminosos apunhalam corações de poetas, fazendo jorrar o Sangue purpuro e glorioso dos Poemas. Nome que vibra como um hymnario

de Amor, no Harmonium dos Espaços, pelas Cathedraes maravilhosas da Luz.

Zaira! Nome que as Palmeiras—monjas nostalgicas, balbuciam religiosamente entre as naves brancas e serenas do Templo luminoso do Luar. Nome que como se evapora em amavios suavissimos do Golpho azul do Sonho, onde cantam as Nayades feiticeiras da Esperança.

Zaira! Delicioso nome que eu não posso ouvir sem que sinta cavatinar pela minha alma impressionista, os violinos sonoros do Sentimentalismo.

Zaira! O' lindo nome que vibras na Cythara de crystal das minhas Alegrias e gemes nos Violões notivagos das minhas Melancolias; eu te bemdigo, ô limpido e crystallino nome que eterniso no Bronze dos meus Triumphos!

Zaira! Zaira! Doce nome da mais bonita, mais amada e mais cruel das creaturas, sê milhões de vezes bemdito, ô claro nome que se desfaz em preces constelladas nos meus labios tremulos de Sacerdote de Bello!

V.

Um Manicaca

Além da historia lastimavel e dolorosa de Araujo, espirito de velho fraco e submisso, que a esposa—d. Julia—adultera e perversa, conseguira dominar e martyrizar de uma forma barbara, é, de facto, um quadro perfeito da vida e dos costumes de Therestina o bello romance—*Um Manicaca*, de Abdias Neves, editado, ha pouco, pela conceituada Livraria Véras, desta capital.

Lendo-se aquellas duzentas e tantas paginas suggestivas e palpitantes, em que o estylo do romancista piauihyense reluz e canta, em periodos leves de graça e correcção, a gente chega a ter a quasi certeza de que está a presenciar tudo aquillo, todas aquellas scenas, todo o enredo da narrativa, a olhos nus, ao vivo, na realidade.

Os personagens do *Um Manicaca* familiarisam-se, facilmente, com o leitor. Todos elles (e logo ao primeiro encontro), mesmo os que entram de passagem no

entrecho do livro: Rosinha, o dr. Praxedes, Mundoca, o velho João Sousa &

E, depois, será quasi impossivel confund-l-os e esquecer-os. As suas feições, os seus modos, os seus habitos, tudo, o talento descriptivo do escriptor consegue gravar em a nossa memoria, quasi de um só traço e com uma nitidez admiravel. Em cada uma das figura do *Um Manicaca*, não será difficil ao leitor, rever, de repente, na lembrança, um amigo conhecido, o mesmo, com o mesmo phisico, e o mesmo character. E não é que Abdias tenha se esforçado por talhar carapuças, como se costuma dizer. Não. O facto explica-se porque os seus personagens são nossos, vivem connosco, são typos legitimos do nosso meio. Isto mesmo observou *Fra Gil*, o primeiro a se occupar do novo livro de Abdias, nas *Notas a esmo* do «Monitor». Outra opinião não poderá ter o leitor intelligente, ao percorrer as paginas do *Um Manicaca*. Sim, por que o romance de Abdias é, sobretudo, piauihyense: palpita em todo elle a vida

de Theresina, com os seus habitos caducos, com as suas *thesouras*, com a sua «meia» civilização, etc, etc.

No genero naturalista, de que desce, o *Um Manicaca* é uma obra de grande merecimento. O seu autor tem conhecimentos, tem preparo e è, sobretudo, um observador de tino admiravel. As suas descripções, o seu modo de dizer, tudo seduz o leitor do principio ao fim do romance.

Mais do que com a *Carne*, de Julio Ribeiro, o *Um Manicaca* tem affinidades muito vivas com *A Renegada*, do brilhante escriptor Carlos D. Fernandes; não no enredo geral da peça, mas no modo de tratar os seus personagens, na maneira de

descrever scenarios, no plano superior de concepção do livro.

Abdias Neves, nas paginas do *Um Manicaca* conseguiu, dando ainda mais vivo realce a sua narrativa, mostrar-se tal como verdadeiramente é: um bello prosador-poeta, inspirado, fecundo e elegante. Por tudo isso, ao que nos parece, o seu livro vae causar successo no meio literario brasileiro.

Nestas ligeiras linhas, ficam os nossos parabens a Abdias Neves, pela publicação de seu esplendido *Um Manicaca*, como tambem ao nosso amigo J. Campos Veras, que teve a feliz idéa de editá-lo.

A parte material do interessante romance nada deixa a desejar.

Secção elegante

De relance

Symbolisa a Bondade.

Completo, ha poucos dias, 15 annos, sendo, por este motivo, muito felicitada pelas suas innumeradas amigas e pelos seus não poucos admiradores.

A graciosidade do seu riso, a candidez de suas faces coralinas, o verde esmeraldino dos seus olhos reflectem, e bem claramente, a singelleza do seu coração sempre aberto aos mais nobres sentimentos.

Apesar de ser formosa e admirada no seio da nossa sociedade, na sua alma bondosa, jámais o orgulho penetrou.

Sempre affavel, sempre despretenciosa.

Alegre, genio folgazão, aprecia os bailes, os theatros e as festas de igreja.

E onde quer que ella esteja, um sorriso terno e acariciador está a brincar nos seus ladios cor de nacar.

Adora a musica. Toca piano e bandolim. Dança admiravelmente.

Natural de um dos mais opulentos Estados do norte, considera-se, porem, piauihyense de coração.

Reside em um arrabalde delicioso, ao lado da mãe carinhosa e da irmã formosa e gentil, que è tambem sua companheira inseparavel. O seu distincto pae anda sempre a viajar.

O seu nome—um composto gracioso—fala de lagrimas derramadas ao pé do madeiro e traz-nos a lembrança a mulher sublime que apaixonou Dante.

E' conhecida, porem, por um appellido breve, que adapta-se perfeitamente a simplicidade dos seus modos.

Vão florando illusões, por onde passa
O seu vulto risonho
De borboleta rutila da graça
No casulo do sonho.

ADONIS.

Lirios

COMPLETARAM ANOS:

No dia 1—o nosso amigo Mundico C. Branco, competente official da Administração dos Correios.

—No dia 3—d. Jerichó Caldas Baptista, mãe dos nossos companheiros Jonathas e Zito Baptista;

No dia 4—a formosa senhorita Beatriz Pearce e a gentil Noca Pinheiro;

—Terá o seu segundo anniversario natalicio, no dia 18 deste mez, a nossa interessante amiguinha Dilnah Baptista, adorada primogenita do nosso companheiro Jonathas Baptista.

«Alvorada», antecipadamente, envia muitos beijos à travessa anniversariante.

—No dia 14—o talentoso escriptor dr. Abdias Neves, e a adoravel senhorita Iaiá Tito, irmã do nosso brilhante collaborador, dr. Arimathéa Tito.

—Hontem o sympathico José Maria da Silva, um dos mais distinctos amigos da «Alvorada».



NOTAS

PELO THEATRO

Realisou-se, em a noite de 7 do corrente, em o nosso «Quatro de setembro», conforme estava anunciado, o espectáculo dedicado á «Alvorada», pelo grupo Genuino de Oliveira, com a representação do esplendido drama, em quatro actos—«Deus e a Natureza.»

Festa agradabellissima e a que assistiram, para maior realce, diversos e distinctos caxienses que aqui se achavam em passeio recreativo.

Depois da cançoneta, escripta especialmente para ser cantada em aquella noite, agradeceu, em nome da nossa revista, ás familias que nos honraram com as suas presenças, bem como aos distinctos actores e actrizes que tão bem se portaram nos seus papéis, o nosso companheiro Zito Baptista, falando em seguida o sr. Genuino de Oliveira, director do grupo.

Não foi uma casa completa a de 7 deste mez; com tudo, o «Quatro de setembro», recebeu a visita de muitas importantes familias da nossa melhor sociedade. Pena é que a nossa platéa inferior, com honrosas excepções, seja composta ou representada pelo que ha de mais réles e estúpido. Individuos que não têm a minima noção de civilidade, que deveriam ser enxotados, pela policia, do nosso theatro para as grades de uma prisão, não têm o menor respeito ás familias, abusando e perturbando tudo de uma maneira que chega a revoltar e incoerizar ao mais indifferente. E, para provar o que affirmamos, não é preciso mais do que lembrar aqui que os perturbadores levaram a sua audacia ao ponto de espalharem, por todo o theatro, pimenta moída, como é de praxe fazerem os desordeiros nos pequeninos bailes dos arrabaldes.

Nós, com pezar o dizemos, tivemos de passar pela vergonhosa contingencia de ver, no espectáculo ultimo, que diversos caxienses se retiraram, antes de terminar a representação, encommoçados com tão grosseira servalgeria!

E não é só:—Alem do barulho ensurdecedor que se faz na platéa, a ponto de quasi se não poder estabelecer uma differença entre o nosso theatro ou uma taberna de bebedos, tal o barulho e a gritaria que lá se presencia, nos camarotes (é duro, mas é a verdade), durante ás representações, espectadores de certa ordem ou mesmo creanças que, por qualquer motivo, não ligam interesse á peça, levam todo o tempo a passeiar pelos corredores, a bater e a arrastar cadeiras, como se não tivessem o dever que lhes impõe a civilidade de não per-

turbar aos que vão ao espectáculo para ver e ouvir e não para encommodar. A' imprensa, aos outros collegas, levamos nós o nosso appello, e esperamos que seremos auxiliados no arduo dever de regenerar os nossos costumes e os nossos habits.

A continuar este estado de coisas, teremos de marchar para o anarchismo, para a desordem e para a nossa completa desmoralização. E' preciso por um freio, é preciso uma repulsa na altura, pois, do contrario, teremos de ver a familia thesesinense desrespeitada, ainda mais do que tem sido, e passar mesmo pelo dissabor de ouvir pilherias e insultos.

E' preciso reagir, é preciso clamar...

Guerra aos pretubadores, aos desordeiros do nosso theatro. Civilisemo-nos!...

Hilarião M. Madeira

No desempenho de diversas e importantes commissões, inclusive a de representante da «Alvorada» da Typographia Paz, seguiu, no começo deste mez, para o sul do estado, o nosso distincto amigo Hilarião Mendes Madeira.

Contamos que os nossos amigos do interior recebam, condignamente, o nosso alludido representante, que é um moço digno, trabalhador e intelligente.

SARAIVA DE LEMOS

Tem hoje o seu anniversario natalicio este nosso querido e prestante amigo, cujo nome encima estas linha. Actualmente no Recife, onde cursa com extraordinario brillantismo a academia de direito, é muito justo que receba dos seus amigos, ali, em o numero dos quaes nos incluimos, as mais sinceras demonstrações de amizade e de admiração, por este feliz acontecimento.

Monitor

Festejou a passagem do seu quarto anniversario, no dia 1.º deste mez, o nosso collega, «Monitor.» Por este motivo o valente semanario appareceu em formato maior e confeccionado com o novo material adquirido, ha pouca para as suas officinas.

Juntamos as nossas ás muitas felicitações recebidas pelo «Monitor», no dia 1.º.

—Continua ainda adoentado o exm.º sr. dr. Anizio de Abreu, digno e illustrado governador do Estado.

Alvorada faz votos pelo completo restabelecimento de S. Ex.ª.

—Regressou de Livramento, o sr. dr. Mathias Olympio, secretario do governo e brilhante redactor-chefe do «Piahy».

—Estiveram entre nós, vindos pelo trem recreativo de domingo, além de outros visitantes caxienses, os nossos distinctos amigos, dr. Alvaro Pinto, Loya Chagas, poeta Carvalho Guimarães, Enéas Frasão, e coronéis Leoncio Machado e Manuel Gonçalves Pedreira.

—Pelo vapor «Parnahyba», seguiu no dia 2, para Floriano, o nosso distincto e intelligente amigo Alfredo Barros. O digno moço vai servir como guarda-livros na importante casa commercial, Fonseca, Borges & Cª., daquela cidade.

—Vindo de Barras, onde é real influencia politica, está entre nós o coronel Nelson Correia.

—Por motivo do anniversario de sua esposa, d. Laura Nunes, o nosso amigo Euripides Nunes reuniu, em a sua residencia, no dia 3o do mez passado, diversas pessoas de sua amisade, as quaes offereceu bem servido almoço.

Foi uma festa de character todo intimo, mais extremamente agradavel.

—Passou a fazer parte do corpo redaccional do «Monitor» o illustrado dr. Valdivino Tito.

Por mais essa conquista, «Alvorada» manda parabens ao brilhante collega.

—Teve lugar, no dia 5 deste mez, o casamento civil e religioso do nosso amigo Manoel Victor de Resende Lima, commerciante nos Altos, com a gentil senhorita Julia Campello, filha de D. Galiana Campello, e irmã do nosso bom amigo coronel Laurindo Campello.

Grande numero de cavalheiros e senhoras de nossa elite social assistiram a cerimonia, retirando-se todos captivos das finezas com que foram tratados pela familia Campello. Alvorada deseja optimo futuro aos recém-casados.

—Em o nosso nº de hoje, devido ao grande accumulo de materia, foram sumidas diversas seccões e mesmo alguns artigos de valor. Pedimos, por isso, desculpa aos nossos leitores.

—Recebemos e agradecemos a seguinte communicação:

A' ILLUSTRADA REDACÇÃO DA «ALVORADA»

Cordiaessaudações. Tenho a honra de levar ao vosso conhecimento que tendo o meu digno chefe, Exmo. Snr. Visconde de Souza Soares, director e proprietario do Estabelecimento Industrial Pharmaceutico Souza Soares, de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, deliberado enviar à *Exposition Internationale d'Economie Domestique*, de Paris, os apreciados Remedios Especificos Homeopaticos de Souza Soares, preparados nos grandiosos Laboratorios d'aquelle considerado Estabecimento ali, em concorrência com todos os similares estrangeiros, obtiveram a mais alta recompensa-Diplo-me de Grand Prix et Medaille d' Or.

Esta elevada distincção reservada aos productos de reconhecida pureza, efficacia, e primorosa manipulação, glorificou mais uma vez ao grande amigo da «Humanidade» —Souza Soares—o trabalhador incansavel, que dotou a nossa patria com os mais vastos Laboratorios Homeopaticos da America Latina, cujos productos têm alcançado os mais altos premios em todos os certamens do Mundo

Pela transcripção d'estas linhas me confesso grato e subscrevo-me com a maior consideração de s. s. patricio e am.º agradecido.

José Adolpho Paiva.

Viajante propagandista da casa Souza Soares.

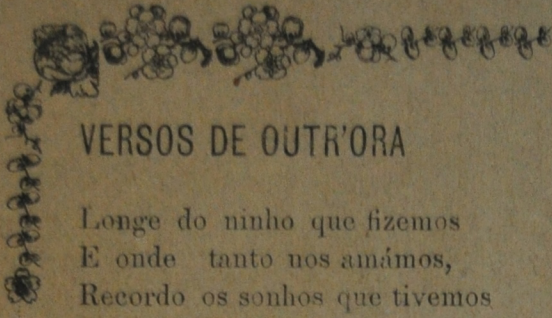
GABINETE DENTARIO

Do Cirurgião Dentista




JOSÉ FIRMINO PAZ

Rua Senador Pacheco 69.


 VERSOS DE OUTR'ORA

Longe do ninho que fizemos
E onde tanto nos amámos,
Recordo os sonhos que tivemos
E os beijos quentes que trocámos...

Ninho feliz, mimoso ninho,
Onde nos veio, entre illusões,
O amor-risonho passarinho,
Filho dos nossos corações.



Nada esqueci! Inda me lembro
Do ethereo e doce anoitecer
Daquelle 12 de setembro,
Que nunca mais hei de esquecer.

Lembras-te, Dulce? No horisonte,
Illuminando estes espaços,
Sorria a lua, erguendo a fronte
Para melhor ver-te em meus braços.

E eu vendo assim, nesses teus olhos,
Tanta volupia encantadora,
Tinha-te, longe dos abrolhos
Da vida triste e enganadora.

E como a brisa que suspira,
Sandando a luz, beijando a flor,
Eu dedilhava a minha lyra,
Cantando o teu e o meu amor.

E tu dizias: «como eu te amo!»
«Como eu te adoro!»—eu te falava...
E a nossa voz, de ramo em ramo,
Os passarinhos acordava.

Vendo-te, os astros scintillavam
Cheios de affectos e de ciume;
E enamorados deliravam,
Talvez sentindo o teu perfume.

E ah! que prazer vibrava em nós!
(Só em pensar inda me abraso)...
Nossos desejos eram sóes
Sem as tristezas de um occaso.

Mas, ah! faltou-nos o carin
Que vem do céu, que vem da
E lá se foi o nosso ninho
Ao vendaval da desventura.

Quantas loucuras suaves, mansas,
Foram-se assim na flor dos annos!
Ah! quantas crenças e esperanças
Mortas ao sol dos desenganos!

Pois quiz a minha sorte austera
E a tua sorte austera quiz,
Que se apagasse a primavera
Que nos fazia o amor feliz.

E nesta solidão presaga,
Passando as noites em vigilia,
Choro por ti, como Gonzaga
Chorara outr'ora por Marilia...

Emquanto, ó anjo sofredor,
O' celestial sacerdotisa,
Em vez do sonho de Leonor
Tens a tristeza de Heloisa.


Com que saudade nos achamos,
Longe da Terra Promettida!
Com que saudade, ó Dulce, vamos
Martyrizando a nossa vida!

Filha dos páramos azues,
Vem terminar tamanha ausencia,
Tu, que tão bella eras a luz
Da minha pallida existencia.

Longe de ti, eu não conheço
Outro mais lugubre viver,
Pois, sem saber porque padeço,
Ando em constante padecer.

Oh! vem, portanto, alma innocente,
Imagem pulchra da bondade,
E com o teu doce olhar albente.
Aclara a minha mocidade.

Antonio Chaves.



ESTA MYRTES

Excellente desinfectante para a bocca; limpa os dentes, conservando o esmalte; refresca as gengivas e aromatisa o halito.

PREPARADO POR

José R. da Fonseca

Deposito: — PHARMACIA NOVA

RUA PAYSANDÚ 93

THERESINA

Bacharel THEMISTOCLES AVELLINO

ADVOGADO

Rua C^{ta} Lysandro Nogueira, 41

CASEMIRAS pretas e de cores SMART vende-se na

LOJA MAFRENSE

DE

H. PARENTES & FILHO

EDMUNDO GENUINO & IRMÃO

Variado sortimento de artigos de fantasia para presentes.

OLIVEIRA, PEARCE & COMP.
têm em deposito grande sortimento de casimiras pretas e de côres dos mais lindos gostos.

RICOS E LINDOS BORDADOS para al-buns na **LOJA MAFRENSE**, de
H. PARENTES & FILHO

Mattar, Irmão & Comp.

Completo sortimento de extractos Aglaia, Sinhá, Ideal, Jeannette, Royal Cachet, Senhorita, Guerlain, Errence Heliotropes. Perfum Rochane do J. Davier, Delicioso, Ausair, Violeta, Idalie, Peaur Españhe, Koyno Dhanez, Chuva de ouro, Oleo quinquina Kelesurfin, Gallet e Hule, Briliutine, Faro de Portugal, Pó dentrificio, Dentol Puder, Past dentrifice, Pasta de liro' Pòs de arroz Eglantina, Trevol, Sinha, Aglaya. Pó Boero Formol.

TUDO BARATISSIMO NA

Casa Oriental

RUA DE ALVARO MENDES N 15

THERESINA

Calloina Castello

PREPARADA POR

Oscar G. Branco

PHARMACEUTICO

Esta excellente composição applicada sobre os callos duros, tres vezes por dia, com o pineel que acompanha o vidro, amollece-os e fal-os cahir. Depois do terceiro dia de uso, collocam-se os callos num pouco d'agua morna, não calcando botinas ou sapatos enquanto não se fizer a extração.

E' absolutamente indolor e não produz hemorragia.

DEPOSITO GERAL
PHARMACIA NOVA
RUA PAYSANDÚ, 64

Preço 28000

THERESINA-PIAUHY

Dr. HYGINO CUNHA

Advogado

Rua C^{ta} Lysandro Nogueira 73

Oliveira, Pearce & C.

SEDAS para vestidos,
artigo chic,

encontra-se na

LOJA MAFRENSE

De H. PARENTES & FILHO

Compram todos os generos de exportação pelos melhores preços do mercado. THERESINA, PIAUHY-PRAÇA SARAIVA